

## O PARADOXO DA CONDIÇÃO HUMANA EM PASCAL

Joelson Pereira de Souza

**Resumo:** Este artigo busca compreender a trajetória que anima as reflexões pascalianas acerca da condição humana. Para pensar o ser humano o autor mergulha em paradoxos que vão desde o mistério insondável da fé até a pretensão de fundamentar uma ciência baseada em verdades racionais. Essa posição ambígua entre fé e razão faz de Pascal um representante privilegiado da angústia da modernidade.

**Palavras-chave:** razão, fé, condição humana.

**Abstract:** This article seeks to understand the trajectory that animates Pascal's reflections about the human condition. To think the human being the author delves into the paradoxes that go from the unfathomable mystery of faith to substantiate the claim of a rational science-based truths. This ambiguous position between faith and reason make Pascal a privileged representative of the anguish of modernity.

**Key-words:** reason; faith, human condition,

### INTRODUÇÃO

*Somos cheios de coisas que nos impelem para fora.*

Blaise Pascal

Na França do século XVII, tomada pelo espírito do grande racionalismo, Blaise Pascal (1623 – 1662) se destacou como um pensador capaz de expressar a precariedade do espírito humano com perspicácia filosófica e ousadia literária, sua obra seria identificada como um manifesto contra a razão absolutizada, uma crítica anti-humanista esboçada em um século de muitas manifestações do humanismo enquanto corrente de pensamento filosófico.

Este artigo busca compreender a trajetória que anima as reflexões pascalianas, reunindo as muitas perspectivas que, presentes em Pascal, realizam um tipo de pensamento que se mostra como um verdadeiro mosaico de pessimismos antropológicos que registram deste as incapacidades às insuficiências relativas à condição humana. Pois, para pensar o ser humano o autor mergulha em paradoxos que vão desde o mistério insondável da fé até a pretensão de fundamentar uma ciência baseada em verdades racionais.

Nenhuma periodização ou localização histórica nos fará perceber objetivamente os conflitos, as crises e os debates que acabaram por caracterizar um determinado ponto da história. Essa consciência *dos limites epistemológicos* reduz qualquer tentativa de ambientalizar o autor em seu tempo à mera aceitação de uma narrativa histórica acerca de fatos, personagens e acontecimentos que os historiadores julgaram relevantes. Mesmo assim, aquilo que é uma simples tentativa ganha *status* e importância dentro de um projeto que remete ao estudo de ideias e textos produzidos em épocas que nos antecederam em muitos séculos. Assim, o tempo de Pascal não nos é possível, mas o que sabemos sobre ele nos é necessário.

### SÉCULO XVII: A PORTA DE ENTRADA DA MODERNIDADE

Pascal viveu no século XVII num período de radicalismos, contradições e paradoxos. É possível que nos manuais de história esse momento seja identificado como a passagem de uma mentalidade tipicamente medieval para uma mentalida-

de moderna, pois, trata-se de um processo histórico que afirma o pensamento científico do ocidente ao mesmo tempo em que nega o discurso teológico em questões de conhecimento.

Reconhecidamente este é o século das inovações no pensamento europeu. A consolidação da revolução científica iniciada em Copérnico (1473-1543) e da revolução filosófica realizada por Descartes (1596-1650) proporcionaram uma larga abertura no campo das ideias e dos experimentos científicos, insuflando concepções dinâmicas quanto à questão do conhecimento e incentivando o surgimento de novidades de alcance teórico e prático.

Pensadores como: Bacon, Galileu, Kepler, Hobbes, Torricelli, Descartes e Newton, entre outros, são pensadores emergentes numa Europa racionalista e cientificista. Estes autores, uns mais outros menos, rompem com a concepção de fundamentação sobrenatural/divina do conhecimento. Para eles, a revelação de Deus não é mais fator determinante nas investigações do conhecimento, a mentalidade científica busca descrever racionalmente o funcionamento do mundo ao invés de simplesmente aceitar a autoridade dos argumentos eclesiásticos. O sujeito racional é o novo ponto de partida epistemológico. Nesse sentido,

No campo do conhecimento, as modernas ciências experimentais transformaram totalmente nossa visão de mundo e conduziram ao comportamento racional perante a realidade. Permanece e prevalece o que resiste à crítica racional. A ciência e a técnica dão ao homem pelo menos um suposto senhorio sobre as coisas para sua manipulação e o planejamento racional. O resultado é um mundo hominizado e secularizado, despido dos vestígios de Deus (ZILLES, 1991, p. 12).

Em seguida, o mesmo Urbano Zilles comenta esta metamorfose que desenvolve o pensamento ocidental a partir das discussões sobre fé e razão:

A revolução copernicana no pensamento, no fim da Idade Média e no começo dos tempos modernos, consiste na volta para a subjetividade pensante. (...) O homem moderno questiona o acesso imediato do real e passa a falar da realidade através da mediação da subjetividade, desenvolve novo método de investigação e conhecimento, apoiando-se unicamente na razão e na experiência científica (ZILLES, 1991, p. 8).

Quando mudamos as perspectivas em relação à abordagem do conhecimento, mudamos também o ponto de vista de perguntas essenciais, como as perguntas sobre Deus, o universo e o próprio homem. Perguntas que ganharam novas versões e não seriam mais as mesmas depois de Copérnico, Galileu, Descartes e Newton. É nesse ambiente embalado pelas dúvidas contra todo dogmatismo que emerge o pensamento de Blaise Pascal.

#### **PASCAL, UM GÊNIO ENTRE A CIÊNCIA E A RELIGIÃO**

Nascido na França em 1612, Blaise Pascal recebe uma educação doméstica. A função de educador é exercida pelo pai, o geômetra Etienne Pascal, que logo perceberia a precocidade do filho para assuntos matemáticos.

Já aos doze anos, Pascal provoca furor no meio acadêmico ao descrever a trigésima segunda proposição da matemática euclidiana. Os passos seguintes seriam a elaboração de um *Tratado Sobre os Cones*, a construção da primeira máquina de calcular (aos dezenove anos), a formulação do cálculo das probabilidades (*Geometria do Acaso*) e um *Tratado Sobre as Potências Numéricas*,

entre muitos outros experimentos (REALE; ANTISERI, 1990, 599-60).

A primeira metade da vida de Pascal fora dedicada às ciências matemáticas e experimentais, ocupação que lhe concede desde cedo prestígio e reconhecimento. Transitando por este ambiente notadamente científico ele estabelece comunicação com os grandes pensadores do século XVII. Como frequentador dos *círculos livres* de conhecimento participa das discussões que animam a intelectualidade francesa da época, inclusive se envolvendo em polêmicas teológicas que iam muito além das ciências.

O encontro com os jansenistas<sup>1</sup> de Port-Rayol faria de Pascal, que já era um brilhante cientista, um indivíduo preocupado em saber quem é este ser humano que vive na busca de Deus e de si mesmo meio à iluminação da razão moderna. Como poucos, percebe as consequências dramáticas da revolução científica para o homem de sua época. Sua maior preocupação será a de saber onde colocar o homem finito num universo agora infinito (REALE; ANTISERI, 1990, 599-60).

No fragmento 144 dos *Pensamentos*, Pascal declara a radicalidade da mudança de suas ocupações intelectuais:

Passei um longo tempo no estudo das ciências abstratas, e a pouca comunicação que se pode ter delas me agastou. Quando dei início ao estudo do homem, percebi que as ciências abstratas não lhe são próprias, e que me afastava mais de minha condição, ao procurar entendê-las, do que outros, ignorando-as, perdoei aos demais o fato de conhecê-las pouco. Mas imaginei que encontraria, ao menos, muitos companheiros no estudo do homem, pois esse é o verdadeiro estudo que lhe é próprio. Enganei-me (PASCAL 1990, p. 14).

O pensamento cristão<sup>2</sup> em sua vertente agostiniana irá desenvolver em Pascal uma visão trágica dos paradoxos da modernidade. Conhecer o homem é a grande fascinação que rege seu pensamento, homem que para ele existe em uma condição insuficiente e angustiada.

No convento de Port-Royal Pascal passa a ser defensor das doutrinas jansenistas perante a igreja oficial. *As Provinciais* são uma coleção de dezoito cartas publicadas neste ambiente de controvérsia. Essa obra seria logo incluída, pela Congregação do Index, entre as literaturas proibidas pela igreja romana.

O centro da trajetória espiritual de Pascal reside no seu encontro com o jansenismo, que lhe permitiu exprimir melhor sua sede de absoluto e de transcendência. A vocação religiosa de Pascal encontra no jansenismo o solo favorável para sua expansão (PASCAL 1990, p. 11).

O fôlego trazido pela religiosidade anima o grande projeto literário de Pascal, uma *Apologia do Cristianismo*, obra interrompida por sua morte aos trinta e nove anos, mas que fora publicada postumamente como caderno de notas para uma obra muito maior. Trata-se de aforismos e fragmentos que foram compilados e receberam o título de *Pensées (Pensamentos)*.

Sobre essa obra comenta Hans Küng:

A linguagem compacta e flexível de Pascal, é a olhos vistos a de um erudito e poeta ao mesmo tempo: unindo a claridade ao ritmo, a precisão à poesia, falando à cabeça ao mesmo tempo que ao coração. (...) Seus *Pensées* são uma das obras de maior destaque da literatura universal (KÜNG, 2005, p.78-9).

Mesmo com as particularidades de uma obra segmentada, o vigor da escrita faz de Pascal um inovador também na literatura, seus fragmentos assumem

características de prosa com elementos irônicos e satíricos, suas palavras levam inevitavelmente a um misto de angústia existencial e prazer estético, suas páginas conduzem a um ácido exame da realidade humana ao mesmo tempo em que ameniza pelo estilo e pela forma a dureza de seus conteúdos. É assim, um dos maiores literários de língua francesa (KÜNG, 2005, p.78-9).

## CRÍTICA À CIÊNCIA

Pascal foi um cientista. A física, a matemática, a geometria e a engenharia foram áreas do conhecimento pelas quais Pascal transitava com competência capaz de inovações significativas.

A palavra crítica, sugerida neste tópico, busca sinalizar a postura não muito entusiasta de Pascal quanto às possibilidades da nova racionalidade científica. Vale dizer, no entanto, que esta postura de Pascal se dá em um período em que os ambientes acadêmicos celebravam o racionalismo filosófico e o mecanicismo científico como capazes de conhecer qualquer realidade do universo que o homem desejasse investigar.

Os exemplos clássicos de novos paradigmas nascidos no século XVII são: a teoria heliocêntrica<sup>3</sup> que mostra um universo descentrado com a terra em movimento, defendida por Copérnico, Kepler e Galileu e a matemática, modelo para a ciência e para a filosofia que aplicaram em seus domínios a ideia de que tudo no universo pode ser conhecido e explicado em caracteres matemáticos.

E por fim, o aparecimento de uma nova epistemologia, em Descartes, que promove o homem a sujeito ativo do conhecimento. É a descoberta do método correto de pensar e de conhecer. O *cogito* cartesiano: “penso, logo existo”, é a afirmação da razão, ou seja, do sujeito racional como capaz de realizar o conhecimento verdadeiro da realidade (PASCAL 1990, p. 11).

A teoria heliocêntrica, a matemática e o sujeito pensante apontam para uma poderosa revolução no campo das ciências iniciada à custa destes novos paradigmas. O homem que emerge deste projeto de modernidade se mostra otimista quanto à capacidade de compreender a totalidade do universo, na verdade esta parece ser a tarefa que ele mesmo se propõe.

Thomas Kuhn, no seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, apresenta as revoluções como mudanças de concepções de mundo, variações no olhar do homem sobre aquilo que pode ser apreendido.

Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas veem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos examinados anteriormente (KUHN, 2001, p. 145).

Pascal compreende bem essas mudanças de paradigmas, especialmente quanto à ciência que deixa de ser contemplativa e assume um caráter ativo, de conquista do conhecimento.

Pascal desenvolve uma consciência trágica: reconhece tudo o que havia de precioso e de definitivo no novo conhecimento científico e, simultaneamente, recusa-se radicalmente a considerar este mundo como a única perspectiva para o homem. Considera a razão um fator importante na vida humana, [...], porém não seria todo o homem, nem deve nem pode ser suficiente para a sua vida, mesmo no plano da investigação científica (PASCAL 1990, p. 19).

No fragmento 327 ele diz:

As ciências têm duas extremidades, que se tocam. A primeira é a pura ignorância natural em que se acham os homens ao nascer. A outra é a extremidade a que chegam as grandes almas, as quais, depois de percorrer todos os caminhos do que os homens podem saber, constatarem que nada sabem e se descobrem na mesma ignorância de que partiram, no entanto, trata-se de uma ignorância sábia, que conhece a si mesma (PASCAL 1990, p. 117).

Nesse clássico fragmento sobre a ciência, Pascal apresenta sua posição quanto ao racionalismo cartesiano do seu tempo: reconhece o valor da razão para o pensamento e para as ciências, mas não considera o movimento cientificista suficiente para explicar a existência humana e de todo o universo e, sobretudo, não aceita que a razão seja capaz de abarcar todas as dúvidas existências do homem, especialmente sobre o conhecimento da verdade de si mesmo, de Deus e do próprio universo. Para ele, a *ignorância sábia* representa a máxima conquista deste espírito racional que anima o conhecimento científico da realidade. Enfim, Pascal conclui que o homem é mais que um ser científico e racional, e como tal a razão não lhe basta.

### **O SABOR DA MODERNIDADE**

Pascal ainda percebe com extrema sensibilidade crítica e filosófica o movimento de mudança no olhar do homem sobre o mundo, pois para ele o homem e o mundo continuam invariavelmente inatingíveis e incomunicáveis ante esta euforia racionalista apregoada em seu tempo. A realidade existencial do homem e do mundo não possuem clareza ou distinção racional.

No fragmento 72 lemos:

O mundo visível é somente uma linha imperceptível na amplidão da natureza, que a nós não é dado conhecer nem mesmo de maneira vaga. Por mais que alarguemos nossas concepções, e que as projetemos para além dos espaços imagináveis, concebemos apenas átomos em comparação com a realidade das coisas. Esta é uma esfera infinita cujo o centro se acha em toda parte e cuja circunferência não se acha em nenhuma (PASCAL 1990, p. 43).

Estamos diante da primeira contradição ou do primeiro paradoxo de Pascal, um cientista que duvida da ciência, um racionalista que duvida da razão, “[...] precisamente por esta sua existência contraditória, Pascal veio a ser, ainda mais que Descartes, o protótipo do homem moderno (KÜNG, 2005, p.76).

Pascal aceita e assume o racionalismo no domínio da ciência, embora reconhecendo os limites que ele encontra também nesse domínio, mas não considera que o racionalismo possa se estender à esfera da moral e da religião (REALE; ANTISERI, 1990, p. 599).

### **CRÍTICA À RELIGIÃO**

Não é possível afirmar que Pascal tenha sido um teólogo ou um filósofo da religião (também não é possível afirmar que não foi), entre as duas possibilidades ele estará sempre à margem, tanto nos manuais de história da teologia quanto nos manuais de história da filosofia.

O fato é que a religião cristã é um acontecimento tardio na vida deste pensador, contudo, suas produções reflexivas representaram já naquela época importantes inovações na forma de entender a fé e a religião. Seu pensamento

situa-se numa tênue linha imaginária entre a teologia e a filosofia, suas reflexões serviram tanto para inspirar meditações de espiritualistas como para inspirar filosofias cétricas e por que não, ateias.

Os escritos de Pascal sobre a religião cristã são estrategicamente direcionados e objetivamente apologéticos, porém, em alguns momentos percebermos um autor angustiado que rompe seus próprios propósitos em linhas que registram seus pensamentos em conexão com um sentimento trágico e paradoxal da existência humana. Assim, “[...] ele se situa em uma frente apologética contra os libertinos, livre pensadores e ateus. [...] enfim, também capta com fino olfato os problemas do homem e acaba por chocar - talvez mais que nenhum outro - com o fundamento último da existência humana” (KÜNG, 2005, p. 79).

Em Port-Royal, ao lado dos jansenistas, Pascal debate alguns temas teológicos com os teólogos da Companhia de Jesus que defendiam inovações no pensamento cristão baseadas na escolástica<sup>4</sup> e no tomismo<sup>5</sup>.

Pascal é crítico da religião cristã apresentada em termos do racionalismo da escolástica e do tomismo. Essas perspectivas procuravam demonstrar perante uma razão cada vez mais exigente as verdades metafísicas, e especialmente a existência de Deus. Assim,

Desde o século XVII, surgem esforços apologéticos para justificar a religião no mundo moderno porque esta (o cristianismo) se distanciou da evolução histórica do mundo técnico-científico (ZILLES, 1991, p.15).

Essas posturas se mostravam cada vez mais perdidas e vazias de sentido, pois não encontravam seu lugar entre a teologia e a filosofia, entre a fé e a razão, pois “Pascal considera que, nesse campo (religião), a primeira e fundamental exigência é a compreensão do *homem* como tal e que a razão é incapaz de alcançar essa compreensão” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 599).

Em Pascal, esse entendimento da condição humana frente à realidade do mistério tremendo que é Deus, se dá a partir da compreensão da fé que não se separa da razão, mas que ao mesmo tempo é seu fundamento. No próximo tópico trataremos da fé e da razão.

No interior do pensamento pascaliano, percebe-se uma aversão à tradição teológica de provas da existência de Deus, ou seja, quando se pretende submeter a fé a critérios da razão. Assim, pensadores como Tomás de Aquino e suas *Cinco Vias para provar a existência de Deus*, Anselmo de Aosta e o *Argumento Ontológico*, e por fim, Descartes, que sede à mesma tentação e invoca toda essa tradição de provas racionais da existência de Deus, são alvos das críticas de Pascal a uma religião que se deixa guiar cegamente pela razão, e assim é seduzida a mostrar-se como certeza absoluta.

Segundo Pascal, “Caso se devesse apenas fazer coisas com certeza, nada deveria ser feito pela religião, uma vez que ela não oferece certeza” (PASCAL, 1999, p. 95). Ainda segundo o filósofo:

As provas metafísicas de Deus encontram-se tão apartadas do raciocínio dos homens e tão embrulhadas que pensam pouco, e, mesmo que isso valesse para alguns, somente valeria no instante em que vissem tal demonstração, uma hora depois, entretanto, reecariam ter-se enganado (PASCAL, 1999, p. 95)

[...]

Teria muito mais medo de me iludir, e vir acreditar que a religião cristã é verdadeira, do que de me enganar por julgá-la verdadeira (PASCAL, 1999, p. 96).

## CONTRA O DEUS DOS FILÓSOFOS

Permanecendo nesta discussão sobre Deus<sup>6</sup> e religião, Pascal cunha uma expressão que seria vastamente utilizada por outros pensadores. No texto que é chamado de *Memorial*, de 1654, Pascal escreve sua confissão de fé e assinala sua verdadeira conversão ao cristianismo, dizendo: “Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, não dos filósofos e cientistas.”

Pascal não se contenta com um Deus metafísico. O memorial recorda o Êxodo. Procura a certeza não na própria consciência, nem no conceito, numa idéia de Deus, nem no Deus dos filósofos, mas no Deus vivo da Bíblia. Busca o fundamento da certeza na fé (ZILLES, 1991, p. 40).

Nesta confissão de fé, Pascal está afirmando a distância existente entre o Deus apresentado nos postulados filosóficos e o Deus testemunhado pela tradição bíblica dos patriarcas, dos profetas e discípulos. Em razão disso, Pascal é radical na crítica contra Descartes: “Não consigo perdoar Descartes, bem quiseira ele, em toda sua filosofia, passar sem Deus, mas não pôde evitar fazer com que Ele desse um piparote para pôr o mundo em movimento, depois do quê, não precisa mais de Deus” (PASCAL, 1999, p. 96). Após essas considerações pode-se dizer sobre o pensamento de Pascal: “A religião é um dado que está aí e não se funda na filosofia. Não é filosofia. Desde Blaise Pascal, costuma-se opor o Deus dos filósofos ao Deus de Abraão, Isaac, Jacó, ou seja, ao Deus de Jesus Cristo” (PASCAL, 1999, p. 10).

Mais que isso, Pascal apresenta a aposta da fé como fundamento para a certeza e para a verdade de Deus, da religião, do próprio homem e do universo. A razão aqui não pode arbitrar, mas também a fé não pode apontar certezas de cunho racional, por isso, o paradoxo da condição humana é justamente o de possuir uma razão cética ao mesmo tempo que possui um coração repleto de crença e fé.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Filósofo ou teólogo, crente ou ateu, o paradoxo pascaliano remete a uma possível caracterização do homem de nosso tempo. Mesmo que apoiado nas conquistas científicas que cada vez mais evolui com rapidez surpreende e em campos nunca antes imaginados, o homem em sua mera condição humana não pode fugir do enfrentamento das questões existenciais que perguntam sobre o sentido da sua presença no mundo e, mais ainda, ante ao drama irrevogável da finitude que embala toda a realidade do existir.

Neste ponto preciso encontra-se toda a angústia do pensamento de Blaise Pascal, que não encontra repouso nas garantias racionais de que tudo pode ser conhecido e dominado pelo homem, muito menos encontra segurança definitiva no conforto da crença de que o mundo como o conhecemos é resultado da manifestação da graça divina que alcança todas as coisas. E assim, entre a razão humana segura de si mesma ou a fé em um Deus todo poderoso, Pascal vacila como outrora vacila todos os homens. Pois afinal, os paradoxos, as ambiguidades não passam de fotografias da nossa natureza incapaz e insuficiente de alcançar a verdade.

## NOTAS

<sup>1</sup> Reale e Antiseri apresentam o jansenismo como um movimento dentro da Igreja Católica Romana. Surge com Cornélio Jansênio (1583 - 1638), bispo de Ypres interior da França, ao publicar a obra *Augustinus*. Nesta obra o autor apresenta cinco teses sobre a relação razão é fé. Sob o ideal de expor

a genuína doutrina de santo Agostinho, Jansênio formula suas teses contrárias ao uso da razão nas questões de fé, sendo apenas necessário referir-se à *memória da tradição*, que havia se perdido com as muitas inovações realizadas no pensamento cristão. Sucessivas condenações pela Sagrada Congregação do Index foram feitas aos jansenistas, sendo a última e definitiva a de 28 de agosto de 1784, com a bula *Auctorem Fidei*. pp. 593-595.

<sup>2</sup> A tradição agostiniana/jansenista apresenta uma versão do cristianismo radicalmente pessimista quando às capacidades humanas. A mácula do pecado original havia lançado o ser humano numa condição absoluta de imperfeição, de modo que, qualquer realização humana carrega em si a essência dessa incapacidade.

<sup>3</sup> Reale e Antiseri, comentam que “Deslocando a Terra do centro do universo, Copérnico mudou também

*o lugar do homem no cosmos. A Revolução astronômica implicou também uma revolução filosófica. [...] Ao deslocar a posição da Terra, Copérnico também retirou o homem do centro do universo. [...] Em suma, a revolução copernicana foi também uma revolução no mundo da ideias, a transformação de ideias inveteradas que o homem tinha do universo, de sua relação com ele e do seu lugar nele.” p. 212-3.*

<sup>4</sup> Abbagnano comento no *Dicionário de Filosofia* no verbete Escolástica: “Em sentido próprio, a filosofia cristã na Idade Média. [...] A Escolástica é o exercício da atividade racional (ou, na prática, o uso de alguma outra filosofia determinada, neoplatônica ou aristotélica) com vistas ao acesso à verdade religiosa, à sua demonstração ou ao seu esclarecimento nos limites em que isso é possível, apresentando um arsenal de defensivo contra a incredulidade e as heresias.”

<sup>5</sup> Abbagnano comento no *Dicionário de Filosofia* no verbete Tomismo: “Fundamentos da filosofia de S. Tomás, conservados e defendidos pelas correntes medievais e modernas que nele se inspiram.” O Tomismo caracteriza-se sobretudo pela relação entre razão e fé, que consiste em confiar à razão a tarefa de demonstrar os preâmbulos da fé, de esclarecer e defender os dogmas indemonstráveis e de proceder de modo relativamente autônomo no domínio da física e da metafísica.

<sup>6</sup> Seguindo inspiração pascaliana, pode-se afirmar que a importância deste trabalho reside na questão de que nada pode significar mais para o destino da humanidade, e para o destino de cada indivíduo particular, do que o fato de Deus existir ou não existir.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ATTALI, Jacques. *Blaise Pascal ou o gênio francês*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

KUHN, Tomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KÜNG, Hans. *Existe Deus?* Trotta: Madri, 2005.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores.

PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: EDUSP, 2001.

REALE; ANTISERI. *História da filosofia: do humanismo a Kant*. São Paulo: Paulus, 1990.

ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1989.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 1991.